

Entrevista com Zeljko Loparic*

Entrevista concedida, em 12 de setembro de 1995, aos Drs. Mauro Gus, Theobaldo O. Thomaz e Antonio Carlos S. Marques da Rosa.

* Professor de Filosofia da UNICAMP.



RP: De que forma a Filosofia, mais especificamente a análise epistemológica (diríamos, uma espécie de psicanálise da produção de conhecimentos) pode interessar à clínica psicanalítica? Sabemos de antemão, e é justamente mais fácil de reconhecer, que à metapsicologia ela interessa. Fale-nos um pouco sobre isso. Em que medida interessa a esses dois níveis?

ZL – É um grande prazer estar aqui. Já há algum tempo tenho tido intercâmbio com psicanalistas, pelo fato de ter

começado a fazer Filosofia da Psicanálise na UNICAMP. Lá fundei, em 1984, um curso chamado Especialização em Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise. Ele foi acoplado ao mestrado em Lógica e Filosofia da Ciência. Senti a necessidade de estudar as ciências humanas e pareceu-me que a Psicanálise era a ciência humana que apresentava, de maneira exemplar, problemas interessantes para a Filosofia da Ciência. Em torno a esse projeto, reuni vários professores que estão ainda lá, como o professor Mezan, o professor Osmir David Junior, que estava na USP e eu trouxe para a UNICAMP e Bento Prado Júnior, que por três anos foi nosso professor nesse programa. Tivemos, então, muitos encontros com psicólogos. Foi a partir dessa iniciativa que se originaram inicialmente meus interesses pela Filosofia da Ciência e que se abriram vários canais de contato com psicanalistas. Tenho hoje, então, contato contínuo com pessoas que se dedicam à Psicanálise, de modo que tenho grande prazer em continuar isso aqui em Porto Alegre. Quanto às perguntas formuladas pelo Theobaldo, inicialmente, essa primeira diz respeito à relevância da análise epistemológica para, de um lado, a clínica psicanalítica e, de outro, a teoria psicanalítica, em particular a metapsicologia. Começarei considerando a segunda parte da pergunta. A metapsicologia foi concebida por Freud como um quadro teórico no qual ele organizava suas descobertas clínicas e sobre o qual podia embasar sua prática. Esse quadro teórico foi elaborado dentro de uma tradição intelectual ocidental. Freud tinha uma educação básica alemã e isso envolve literatura, ciência e também Filosofia. Freud era um leitor de Schopenhauer, Nietzsche e Kant. Dentro dessa tradição foi que ele elaborou o quadro teórico da Psicanálise. Evidentemente que esse quadro teórico é sensível a tal contorno e a relação do contorno com a teoria psicanalítica por si só apresenta interesse, tanto epistemológico quanto histórico. De modo que se pode dizer que qualquer teoria da ciência, qualquer teoria do conheci-

mento que pretenda ser completa, deve ter como objetivo examinar também a forma de conhecimento que Freud propôs para organizar sua prática clínica. Qual é, aí, a relevância da análise epistemológica? A análise epistemológica quer esclarecer conceitos, pergunta-se pela justificção de determinadas teses, pela sua origem, pelas possibilidades de alternativas para determinadas teses, pela evidência que existe ou não para se aceitarem determinadas teses. É claro que esse tipo de exame cabe ser aplicado relativamente à metapsicologia ou a qualquer outra teoria na área das ciências humanas. Quanto à clínica, diria que a relação é mais sutil. Por um lado, a clínica depende do quadro teórico com o qual se trabalha. Se a epistemologia incide sobre o quadro teórico, incide indiretamente também sobre a clínica. Por outro lado, nem toda clínica é uma prática explicitamente baseada na teoria. Como qualquer prática humana, é baseada em teses tácitas, em crenças implícitas ou não explicitadas claramente, em determinados hábitos intelectuais que influenciam as posturas intelectuais das pessoas, que por sua vez influenciam as relações humanas. Esses hábitos intelectuais, essas posturas perante a vida, podem ser, por sua vez, tomados como tema; não precisam ser consequência direta da teoria. Mas têm uma certa consistência e podem ser, como tais, objetos de exame de uma análise epistemológica. Portanto, creio que tanto a clínica quanto a metapsicologia são objetos de pleno interesse para o epistemólogo. Talvez possa clarear com um exemplo, que é de Freud, do interesse que pode haver, para a clínica, do exame epistemológico. Em seu texto *Construções em Análise*, de 1937, observou que as falsas reconstruções têm uma efetividade causal na supressão do sintoma, por vezes igual às reconstruções corretas. Isto é: muito curiosamente, na vida do psiquismo humano, uma fantasia *a posteriori*, que não corresponde aos fatos, pode agir para a frente, causalmente, exatamente da mesma maneira que a reconstrução correta. De onde, o problema de saber como o falso pode produzir alguma coisa.

RP – *Uma espécie de verdade narrativa ou discursiva.*

ZL – Exatamente. Uma verdade que aparentemente tem valor subjetivo e não tem valor objetivo. Isso é um problema curioso, é algo vivido como verdade. Então, aparentemente, a causalidade psíquica funciona de uma maneira peculiar. A realidade psíquica pode ter conexão causal com a realidade efetiva e fazer funcionar o princípio de causalidade. Portanto, a distinção entre a realidade material e a verdade psíquica pode, em determinados momentos, na Psicanálise, ficar sem interesse. Isso é de grande interesse epistemológico, porque surge daí a pergunta: qual é a distinção entre realidade material e realidade psíquica? Qual a distinção entre verdade psíquica e falsidade psíquica? Uma série de perguntas que são, tipicamente, de ordem episte-

mológica. Esse é apenas um exemplo de como penso que a Psicanálise pode sugerir interessantes problemas à Epistemologia. Isso, evidentemente, se conecta à tese de que há verdades encobridoras na realidade aparente, que encobrem verdades de fundo. A Psicanálise é um dos lugares onde justamente esse tipo de problema é analisado, mas não apenas a psicanálise; a Teoria das Ideologias examina as verdades que encobrem interesses indizíveis, que não são emitidos em público, como interesses de classe e interesses de grupos. De modo que há relação de encobrimento entre a verdade aparente e as verdades profundas, os substratos mais profundos da existência. Essa relação, estudada também por outras disciplinas, é exemplarmente estudada pela Psicanálise. É mais um problema de grande interesse epistemológico. Essa relação de encobrimento, vejam bem, é um elemento básico da clínica, que trabalha com construções falsas, como já mencionei, com lembranças encobridoras, teorias sexuais encobridoras e assim por diante. Esse tipo de falsidade, encontrado regularmente na Psicanálise, é de grande interesse epistemológico para a Filosofia em geral e para a Teoria das Ideologias, por exemplo.

RP – Em que medida o Sr. pensa que a Psicanálise, ela própria, contribui, pelo que fornece de conhecimentos sobre a subjetividade, para que se realize uma epistémé do conhecimento? Em que medida a subjetividade interfere no conhecimento objetivo? O Sr. concorda que isso tem uma relação com o próprio conhecimento que a Psicanálise produz?

ZL – A Psicanálise tem uma teoria que determinadas formas do conhecimento, por exemplo, conteúdos explícitos de desejos nos sonhos, certas escolhas de objetos de desejo, aquilo que se pensa sobre as razões dessa escolha, as racionalizações dessas escolhas, são coisas determinadas por desejos desconhecidos ou recalcados que fazem parte do chamado inconsciente. A Psicanálise contribuiu para um melhor conhecimento de determinados processos de geração de conhecimento. Não sei se é possível aplicar aquilo que a análise diz sobre a geração de determinadas formas de conhecimento à própria Psicanálise ou ao conhecimento em geral. Estudar os sonhos, estudar os processos de racionalização, não significa dizer que toda vida humana é um tipo de sonho, não significa dizer que toda racionalização é uma espécie de encobrimento. Creio que aí a Psicanálise deixou muitas coisas em aberto. Vou dar um exemplo: em determinados casos, Freud compara a Filosofia à paranóia, à auto-observação, à esquizofrenia, por trabalhar conceitos abstratos como se fossem coisas, isto é, tem-se às vezes a impressão que Freud pensava que a Filosofia, no seu todo, pudesse ser submetida a uma psicanálise. Em outros momentos, Freud dizia que se esperam luzes da Filosofia. Quando discute a tese da atemporalidade do inconscien-

te, na lição XXXI das *Novas Conferências Introdutórias*, de 1932, ele diz que essa tese é de difícil compreensão e que ainda espera um esclarecimento filosófico. Freud remete à filosofia a tarefa de esclarecer conceitualmente a atemporalidade do inconsciente, quer dizer, reconhece a Filosofia como uma instância independente da Psicanálise. Creio que se pode argumentar com consistência pela independência da Psicanálise em relação à Filosofia e da Filosofia em relação à Psicanálise e que a tese de uma subjunção de Filosofia e Psicanálise é de difícil defesa.

RP – *Porque o filósofo Loparic e agora Cônsul da Croácia, país sem tradições psicanalíticas, interessou-se pela Psicanálise que durante tanto tempo desprezou a Filosofia, ao menos em seu discurso manifesto?*

ZL – Sim, a Psicanálise desprezou a Filosofia, mas, como disse há pouco, há sinais claros que Freud remetia determinadas perguntas à Filosofia. A grande admiração que tinha por Kant também é testemunha disso. Em sua autobiografia, em 1926, ele diz explicitamente que várias das teses centrais da Psicanálise foram precedidas pelas antecipações geniais de Schopenhauer, por exemplo, ou seja, reconhece à Filosofia uma originalidade comparável à própria Psicanálise, o que não é propriamente uma expressão de desprezo. Por outro lado, e isso é muito curioso e importante nesse contexto, a Filosofia comportou-se em relação à Psicanálise com desprezo. A Filosofia acadêmica, em particular, não recebeu bem a Psicanálise. Aliás, Freud estava com muito medo justamente disso e acautelava-se das discussões com filósofos. Quando entrava nos conceitos do inconsciente, volta e meia discutia a possibilidade de introduzir o inconsciente psíquico, por exemplo, se isso era admissível ou uma hipótese absurda, e estava discutindo, por exemplo, com Brentano, mas ele não dava o endereço dos seus interlocutores, ele guardava-se, estava com receio. Não por medo das dificuldades que isso poderia gerar, mas por medo de expor uma disciplina nascente, seu novo paradigma, às críticas prematuras. Foi mais bem uma prudência do que qualquer outra coisa.

RP – *Ernest Gellner, em seu livro O Movimento Psicanalítico, tem uma tese interessante a esse respeito, onde diz que Freud justamente procurava evitar a relação com o conhecimento filosófico porque procurou amparar-se na forma de ciência talvez mais prestigiada, à época nascente da Psicanálise, que era a Medicina. Procurou amparar-se numa ciência já totalmente validada, indiscutível, tacitamente aceita. Diz o autor que essa teria sido, talvez, a razão pela qual Freud tivesse fugido de um conhecimento mais especulativo.*

ZL – Acredito que essa possa ser uma das razões. O fato, sem dúvida nenhuma, é que a Filosofia demorou muito para debruçar-se sobre a Psicanálise. Na própria Viena, onde surgiu o famoso Círculo de Viena, houve muita pouca interação com a Psicanálise.

RP – *Em outro nível, não podemos esquecer que Freud era judeu. Poderia existir um preconceito, também, por parte do meio vienense, que era profundamente preconceituoso? E o meio austríaco era muito mais fortemente preconceituoso que o alemão. Freud descobriu a sexualidade, levantou tabus e além disso tinha a etnia. Não teria isso influenciado para que a Filosofia não aceitasse com um pouco mais de simpatia a Psicanálise?*

ZL – Vejam, no próprio Círculo de Viena vários membros eram judeus austríacos ou alemães.

RP – *O que também não quer dizer muita coisa, pois entendemos que haja dificuldades em aceitar mesmo dentro da etnia.*

ZL – Sei que Freud estava insistindo em boas relações com Jung, porque ele não era judeu e era uma espécie de garantia de aceitação pelos meios não judeus. Freud lamentou muito o desentendimento com Jung. Agora, não sei se isso teve tanta importância, porque naquela época em Viena havia, evidentemente, um anti-semitismo austríaco nos meios católicos.

RP – *E nos meios acadêmicos, especialmente. Havia dificuldade de penetração nas universidades. Isso foi descrito por Freud.*

ZL – Certo. Por outro lado, os judeus ocuparam, em Viena, posições de destaque. Como Schonnenberg e Mahler, que acabava de morrer, de modo que me pergunto se foi isso que aconteceu. Naquela época existiam outros autores malditos, por exemplo Nietzsche. Todo mundo lia Nietzsche, mas ninguém o discutia academicamente. Não existiam teses de doutorado sobre Nietzsche. Assim como Freud o leu, Heidegger o leu. Era literatura de cabeceira de todo intelectual alemão. Só que, naquela época, não se faziam teses acadêmicas de doutorado, na área da filosofia, sobre Nietzsche. Eram feitas sobre Schopenhauer, por exemplo, que ressuscitou no fim do século, mas não sobre Nietzsche. Estudos mais sérios sobre ele são bem posteriores. Talvez pela própria natureza da temática, por ser heterodoxa, que olhava a teoria da consciência dominante, naquele momento, na Filosofia e que era posta em

cheque. Freud trabalhava com um conceito de inconsciente que não conhecia a negação: se ele não conhece a negação, como pode ser utilizado dentro de um discurso lógico, racional? Havia, *a priori*, uma série de coisas que Freud dizia que pareciam muito mais próximas de algo como Nietzsche ou de um discurso meio *iniciático* do que propriamente de um discurso científico. Penso que havia um desprezo, um descaso, melhor dito, em relação à Psicanálise, apesar de todos os esforços de Freud. Um descaso por parte dos filósofos. Não é por acaso que Popper, por exemplo, que penso que conheceu Freud em primeira mão e era austríaco de Viena e judeu, morreu condenando a Psicanálise como uma teoria idêntica à Astrologia, negando a ela todo e qualquer cientificismo. Creio que é mais devido a isso, à extrema novidade da Psicanálise e certa proximidade com certos pensadores malditos, o que fez com que a Filosofia acadêmica, até bem recentemente, se distanciasse da Psicanálise. Vejam, na França, quem recebeu a Psicanálise. Foram os surrealistas, os poetas, como Breton. Não foi a Filosofia acadêmica. E os surrealistas foram considerados revolucionários estéticos, eles quebraram toda a tradição ocidental até a Grécia.

RP – *Breton, na verdade, era um poeta de dupla identidade, ele era também psiquiatra.*

ZL – Não sabia disso. Na França, não sei se houve um momento anti-semita, naquela época. Acho mais que era por ser um fenômeno cultural novo. Freud introduziu um paradigma novo que quebrava, assim como Nietzsche e outros tipos de Filosofia, toda uma tradição filosófica. Embora, por outro lado, ele fosse devedor da tradição filosófica.

RP – *Era um devedor da tradição filosófica e tão pouca referência fez a ela.*

ZL – Irei, na minha palestra, falar dessa dívida de Freud à tradição filosófica. Mas quero sublinhar que a Filosofia teve esse descaso com a Psicanálise até bem recentemente. Até mesmo a Filosofia da Ciência. Quando comecei a me interessar pela Psicanálise, comecei a me interessar como um filósofo da ciência educado na tradição do Círculo de Viena, do Positivismo Lógico e de Popper. No interior dessa tradição, a Psicanálise fazia o papel do patinho feio. Era a tentativa de ver o que acontece com a Psicanálise. Quero dizer, a propósito dessa alusão à Croácia, que no meu país de origem, curiosamente, devido justamente ao regime socialista que existia, a Psicanálise era vista, do ponto de vista ideológico, como parte da ideologia burguesa, surgida no meio burguês, portanto uma prática e uma teoria que deveriam ser excluídas numa sociedade justa, socialista. Os conflitos básicos não são intrapsí-

quicos, isso é subjetivismo burguês. Os conflitos básicos são sociais, entre as classes. Toda a teoria básica de Freud era rejeitada como pertencente a um paradigma burguês, incompatível com as bases do sistema. Isso é muito curioso e devo dizer que uma das simpatias iniciais que tive pela Psicanálise foi gerada pela reação a essa atitude dogmática da ciência socialista, do marxismo.

RP – *A atração inicial foi exatamente motivada pelo combate que era feito à Psicanálise.*

ZL – Um inconformismo com o marxismo oficial da época. Interessava-me justamente aquilo que esse tipo de marxismo, que eu considerava errado, condenava. Eu pensava que, estudando aquilo que eles condenavam, eu estava trilhando o caminho da verdade. Era coisa de jovem.

RP – *Adotava uma certa rebeldia.*

ZL: Estudar Freud era sinal de rebeldia. Foi como estudante, na França, que descobri o *Mot D'Ordre* dos psicanalistas, que era Socialismo e Psicanálise. Na Iugoslávia, na Croácia, era só Socialismo, sem Psicanálise.

RP – *Em que época o Sr. estudou na França?*

ZL – Nos anos 60.

RP – *Em 68 estava lá?*

ZL – Em 68 já estava na Alemanha. Mas, enfim, estava muito próximo à França e tinha muitos amigos lá. Mas lembro muito bem das manifestações, era “Socialismo e Psicanálise”, “Socialismo e Psicanálise”, vamos limpar os conflitos sociais, vamos limpar os conflitos internos.

RP – *Como definiu sua temática preferencial, entre as tantas que a Psicanálise oferece?*

ZL – Quando comecei a examinar a Psicanálise em termos da Filosofia da Ciência, dei-me conta de como essa Filosofia da Ciência condenava a Psicanálise a um status de não-ciência ou de protociência ainda não desenvolvida, e isso me colocou perante uma opção: ou afastar a Psicanálise, nesses termos, ou mudar o modo de

examinar a Psicanálise. Optei pelo segundo e pareceu-me, então, que era preciso achar um novo *approach* ao fenômeno da Psicanálise, para poder dar conta da sua riqueza e do seu interesse cultural. A estratégia que utilizei era muito simples. Em vez de utilizar metodologia pronta, Filosofia da Ciência pronta, feita pela Filosofia acadêmica, perguntei-me o seguinte: qual é a filosofia interna de Freud? A qual tradição filosófica ele pertence? Qual é a epistemologia interna de Freud? Qual é a metodologia interna de Freud? Qual é, portanto, o campo filosófico no qual ele mesmo elaborou a sua teoria? Cheguei à seguinte resposta: basicamente, é uma tradição kantiana. Freud elaborou a Psicanálise numa determinada tradição, que é, bem claro, kantiana. E os estudos kantianos que, naquele momento, eu também desenvolvia, ajudaram-me muito nisso. Comecei a ler Freud internamente, entendendo que, no fundo, Freud queria-se entender fazendo parte de uma determinada tradição da Filosofia da Ciência alemã. E o posterior Neopositivismo e as teorias da Ciência do Século XX não faziam justiça à formação científica que era essa, da Psicanálise. Tudo isso me levou ao tema “Kant e Freud”, em diferentes ramificações. Outro elemento que definiu minha temática foi o seguinte: dei-me conta que kantismo, como tradição filosófica também já se esgotou, em parte. Em particular, esgotou-se uma determinada concepção da metafísica que estava dentro de Kant, metafísica da qual também Freud era herdeiro. Tentarei mostrar isso na minha palestra de hoje. Uma determinada concepção do saber, uma determinada concepção do mundo predominante na tradição filosófica do kantismo. Conhecendo os grandes nomes da filosofia do Século XX, em particular a obra de Heidegger, e levando em conta, sobretudo, a crítica da metafísica que essa obra continha, aliás presente em muitos outros autores, por exemplo em Karl Popper, em Wittgenstein, em toda uma plêiade de filósofos do Século XX que são críticos radicais da metafísica, comecei então a examinar, a partir desses autores, como se poderia criticar a metafísica de Freud sem jogar fora, com a metafísica, o núcleo essencial da Psicanálise. Meu problema passou a ser como *desconstruir*, como desfazer a metafísica da Psicanálise, preservando as intenções básicas de Freud. Isso inclui, evidentemente, a crítica da tradição kantiana. Dessa maneira, criei uma série de problemas que são retrospectivos: Freud visto de trás para a frente, a partir de Heidegger, a partir de uma postura não metafísica. Numa postura que *desconstruía* a metafísica sem que isso significasse, necessariamente, que a Psicanálise cairia, porque eu pressupunha que a Psicanálise não era uma teoria metafísica. Era embutida na metafísica, mas não era necessariamente uma teoria metafísica. Isso me abriu para uma série de tentativas de repensar positivamente a Psicanálise e levou-me a procurar os desenvolvimentos reais que a Psicanálise sofreu, a fim de ver quais deles são metafísicos e quais não são metafísicos. Desde então, já faz algum tempo, trabalho intensamente com a obra de Winnicott. Ele reconhece sua herança freudiana

na, mas me parece ser um psicanalista que, instintivamente, não por um projeto filosófico, capta o espírito da época de hoje e tenta rerepresentar a Psicanálise sem esse quadro metafísico e, em particular, sem o quadro metapsicológico. Winnicott é um psicanalista sem metapsicologia. Obviamente, entendo que a metapsicologia é o lugar específico onde se sedimentou, na Psicanálise, a metafísica tradicional. Esses são, então, meus dois conjuntos de temas: de um lado Freud e Kant, e de outro Freud e Winnicott, ou Winnicott e Heidegger. Esses são os dois eixos nos quais leio Freud, hoje.

RP – *É curioso, porque Winnicott é justamente um autor psicanalítico com, talvez, mais dotação clínica que teórica.*

ZL – Exatamente.

RP – *Ele foi pediatra, tanto que tem um livro Da Pediatria à Psicanálise.*

ZL – As elaborações teóricas dele são, às vezes, contidas em alguns parágrafos, em muito poucos capítulos. Isso é interessante, porque significa que eu posso preservar elementos clínicos e de investigação conceitual, sem necessariamente recorrer à metapsicologia. Isso significa também que os problemas da clínica, por sua vez, têm uma relevância para a Filosofia e a Filosofia pode incidir diretamente sobre as questões da clínica. Não precisa passar pela metapsicologia.

RP – *Essa é uma das conferências que o Professor Loparic vai ficar nos devendo aqui, Winnicott e Heidegger. Quando o Sr. referia sua filiação epistemológica no pensamento filosófico do início do Século, no Círculo Positivista de Viena, e lembrou que Popper nunca admitiu a Psicanálise no cenário científico, o que chama a atenção é que ele validou às últimas conseqüências a teoria evolucionista, que absolutamente está dentro do mesmo panorama científico que a Psicanálise, toda vida trabalhou pela aceitação puramente especulativa da teoria de Darwin e todos os raciocínios que aplicou à teoria evolucionista cabem perfeitamente dentro da validação da Psicanálise. Essa ausência de empatia com a Psicanálise não teria a ver com o fato de que Popper trabalhou com um adleriano quando tinha 16 ou 17 anos, já depois do rompimento de Adler? Ele foi auxiliar, em uma escola em Viena, de um adleriano.*

ZL – Exatamente. Adler tinha posições políticas importantes de esquerda e era neo-kantiano, aliás, e membro do grupo chamado austro-marxista. Eram socialis-

tas que pregavam, até certo ponto, a revolução, mas que, ao mesmo tempo, não entendiam a revolução em termos clássicos de Marx e recorriam aos ideais da razão prática de Kant para completar a teoria marxista da revolução. O Otto Bauer, por exemplo, era desse mesmo grupo chamado de austro-marxistas. Como Freud não era propriamente um homem de esquerda e tinha uma teoria do conflito interno, é possível que isso possa ter influenciado o jovem Popper a considerar a teoria de Freud como reacionária. Acredito, no entanto, como ele era também da tradição kantiana, combinada com um certo positivismo, que não era capaz de dar conta da estrutura interna da proposta psicanalítica e a condenou em termos metodológicos. Acontece que a própria teoria dele é infalsificável, há uma contradição, ele condena como não científicas as teorias em nome de uma teoria da ciência que, por sua vez, é uma convenção. Popper não conseguiu sair do convencionalismo de sua própria teoria da ciência, o que certamente é uma limitação interna de Popper.

RP – *O Mundo Três.*

ZL – O Mundo Três é bem posterior em Popper; antes havia só um Mundo e sobre esse ele fazia tudo. A grande diferença entre a metodologia de Popper e a de Freud é que Popper só admitia hipóteses falsificáveis e pensava que a ciência consistia em falsificar hipóteses. Freud fazia parte de uma tradição kantiana, não tão próxima do positivismo, que dizia que a ciência consistia em resolver problemas, em achar soluções para problemas e que as teorias científicas são guias, por exemplo, para desfazer sintomas de uma histeria. Era permitido, nessa concepção da ciência, além de introduzir hipóteses falsificáveis, hipóteses fictícias, heurísticas, desde que fossem úteis. Hipóteses que eram construções auxiliares que não precisavam ser verdadeiras, mas que podiam ser úteis, isto é, Kant admitia um certo caráter instrumental das teorias científicas. Instrumentos não se testam se são verdadeiros ou falsos. Testam-se se são eficientes ou não. Então, a problemática é se uma teoria de conflitos serve ou não serve, até que ponto me permite organizar o material...

RP – *Algo mais ou menos assim: manter a ferramenta afiada, ainda que não se esteja usando.*

ZL – Ainda que você não possa utilizá-la para caracterizar a realidade, como ela está, desde que você possa usar para outras coisas, por exemplo, organizar melhor seu material, achar os caminhos das análises concretas, mesmo que você não tenha certeza se esse é o caminho do real. Em Freud está muito claramente presente esse caráter instrumentalista, ficcional das teorias científicas. Popper fez um imenso es-

forço de eliminar tudo que é ficcional ou instrumental nas teorias. As teorias eram verdadeiras ou falsas e por isso todas as hipóteses deveriam ser falsificáveis. Era, portanto, uma concepção de ciência distinta da de Freud e muito mais próxima de um certo empirismo do que Freud. Esse, creio, foi o motor básico do desentendimento entre os dois pensadores. □

Revisão de **Theobaldo Thomaz**

© Revista de Psicanálise – SPPA